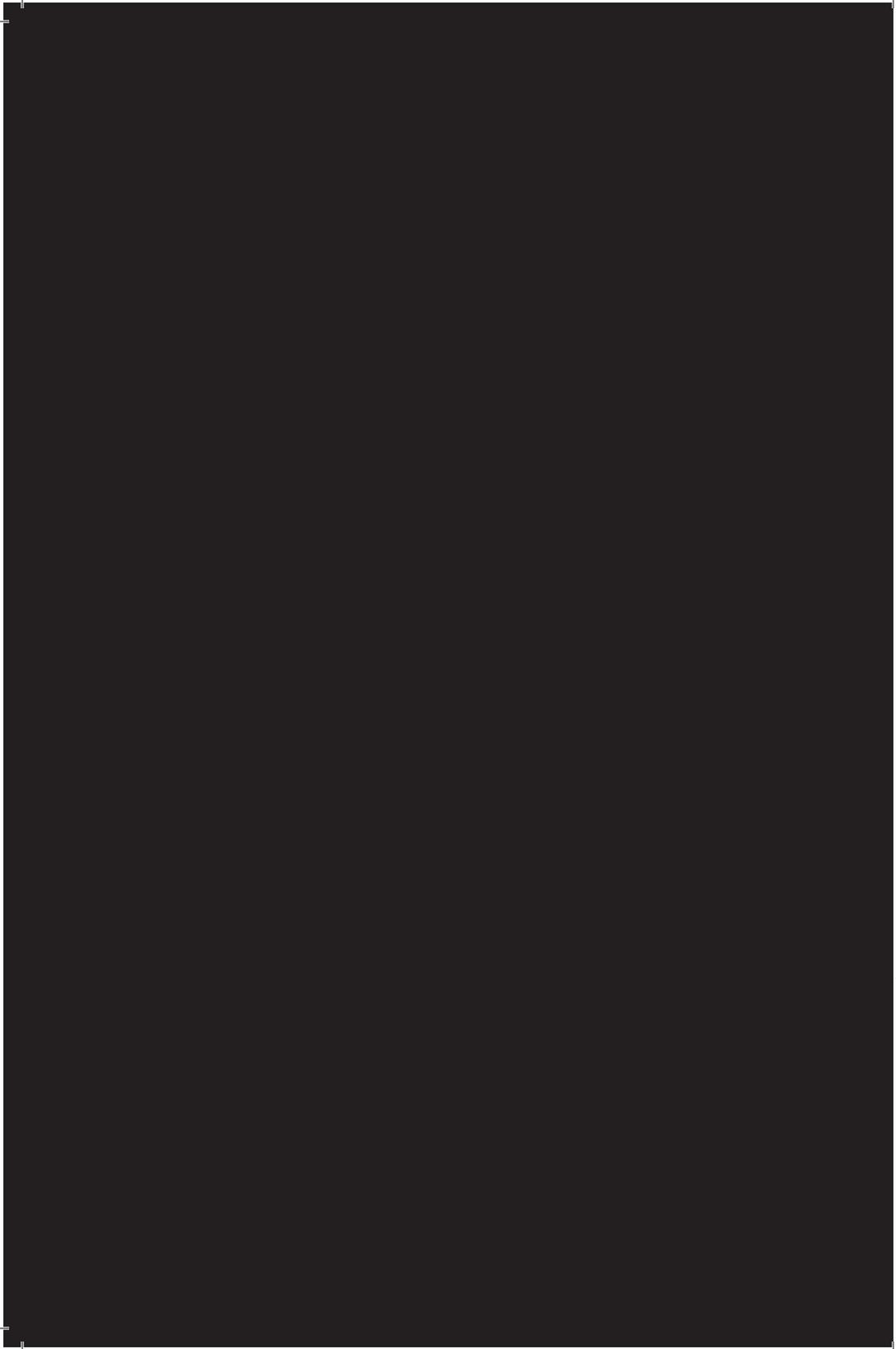


**OS TEMPOS DA
PSICANÁLISE:
Freud, Ferenczi,
Winnicott, Lacan**



OS TEMPOS DA PSICANÁLISE

FREUD
FERENCZI
WINNICOTT
LACAN

JÔ GONDAR

ARTES & ECOS 

Porto Alegre
Artes & Ecos, 2025

Copyright © 2025 Artes & Ecos

EDITOR Lucas Krüger

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Luísa Zardo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G635t Gondar, Jô

Os tempos da psicanálise: Freud, Ferenczi, Winnicott, Lacan/
Jô Gondar. – Porto Alegre: Artes & Ecos, 2025.

216 p.; 14 X 21 cm

ISBN: 978-65-87457-40-6

1. Psicanálise. I. Título.

CDU 150.195

Catalogação na publicação elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos —
CRB-8/9166

ARTES & ECOS 

Artes & Ecos

contato@arteseecos.com.br

www.arteseecos.com.br

7 APRESENTAÇÃO

11 PARTE I - OS TEMPOS DE FREUD (1995)

13 Introdução

17 Capítulo 1 – A propósito do tempo

- 17 A espacialização do senso comum
- 19 Recusar o tempo
- 21 O sonho de Einstein
- 24 Os tempos de Freud
- 26 Um saber da finitude
- 28 Uma tópica temporal
- 33 O tempo no *cogito*
- 42 A mistura

49 Capítulo 2 – Uma teoria freudiana do tempo?

- 50 A atemporalidade do inconsciente
- 54 Consciência e tempo
- 55 O tempo vivido
- 57 A destituição da consciência

69 Capítulo 3 – Inconsciente e tempo

- 70 Ação retardada x posterioridade
- 72 Freud e Charcot: a questão do trauma
- 73 As descobertas de Charcot sobre o trauma
- 77 Os paradoxos do *Nachträglich*
- 82 Um futuro aberto

87 Capítulo 4 – Estrutura e tempo: reversibilidade versus irreversibilidade

- 88 O inconsciente como estrutura
- 90 O problema da reversibilidade
- 92 Tempo real e tempo abstrato
- 94 Do virtual ao atual
- 97 A descontinuidade irreversível

99 Capítulo 5 – Mito e história: origem do sujeito e memória filogenética

99 Tempo mítico e *Nachträglich*

105 A memória da cultura

109 Capítulo 6 – Um tempo para a pulsão

111 A pulsão sexual e seu circuito

116 A pulsão de morte

116 A interpretação fisicalista

117 O homem como máquina

119 Os dois princípios da termodinâmica

122 Pulsão e entropia

125 A máquina em desequilíbrio

129 Freud e a “nova ciência”

139 Capítulo 7 – O tempo e o trágico

142 A morte e o tempo

146 O tempo trágico

161 Capítulo 8 – *Daimon Kai Tychê*

173 **PARTE II – WINNICOTT, BERGSON, LACAN: TEMPO E PSICANÁLISE (2005)**

175 Winnicott, Bergson, Lacan: tempo e psicanálise

179 Winnicott com Bergson

187 Lacan

195 Com Ferenczi: tempo de catástrofes

197 Tempo e estratégias clínicas

198 Utraquismo e paradoxo

200 Uma evolução regressiva

206 Na clínica: fragmentos, repetição, destruição

212 Utraquismo e utopia

APRESENTAÇÃO

Jô Gondar

O tempo é mais real que nós, já disse Jorge Luis Borges. Tão real que não nos damos conta dele, a não ser quando nos interpela. Nos momentos em que isso acontece, ele deixa de ser mero pano de fundo e se impõe como objeto privilegiado de reflexão. São os momentos de crise. O interesse pelo tempo se intensifica quando perturbações e rupturas no sistema habitual de referências produzem mudanças na subjetividade individual e coletiva. Porque o tempo é bem mais do que uma medida cronológica: ele organiza nossas formas de existir, de narrar o mundo, de projetar o futuro e de compreender o passado. Quando essas formas são abaladas por transformações políticas, sociais e tecnológicas — em suma, por modificações no ambiente — o tempo se desnaturaliza e se torna a fonte das perguntas que fazemos a respeito do mundo e de nós mesmos.

Este livro foi escrito em três tempos distintos — 1995, 2005, 2025 - cada um marcado por questões que a psicanálise se colocava em relação à sua época. A primeira parte — *Os tempos de Freud* — foi escrita em 1995, quando o problema do tempo ganhava novo fôlego em razão das grandes mudanças que reconfiguravam o cenário mundial: a queda do Muro de Berlim, o avanço da globalização neoliberal e a introdução das tecnologias digitais na vida cotidiana. Escrevi o texto em meu primeiro computador, ainda limitado em seus recursos. A sensação generalizada era a de uma aceleração da história e de perda de referências antes consideradas sólidas.

Foi nesse contexto que desenvolvi a tese de doutorado que compõe a primeira parte do livro, orientada pelo físico Luiz Alberto Oliveira e a Profa. Circe Vital-Brazil (PUC-Rio); e pelo

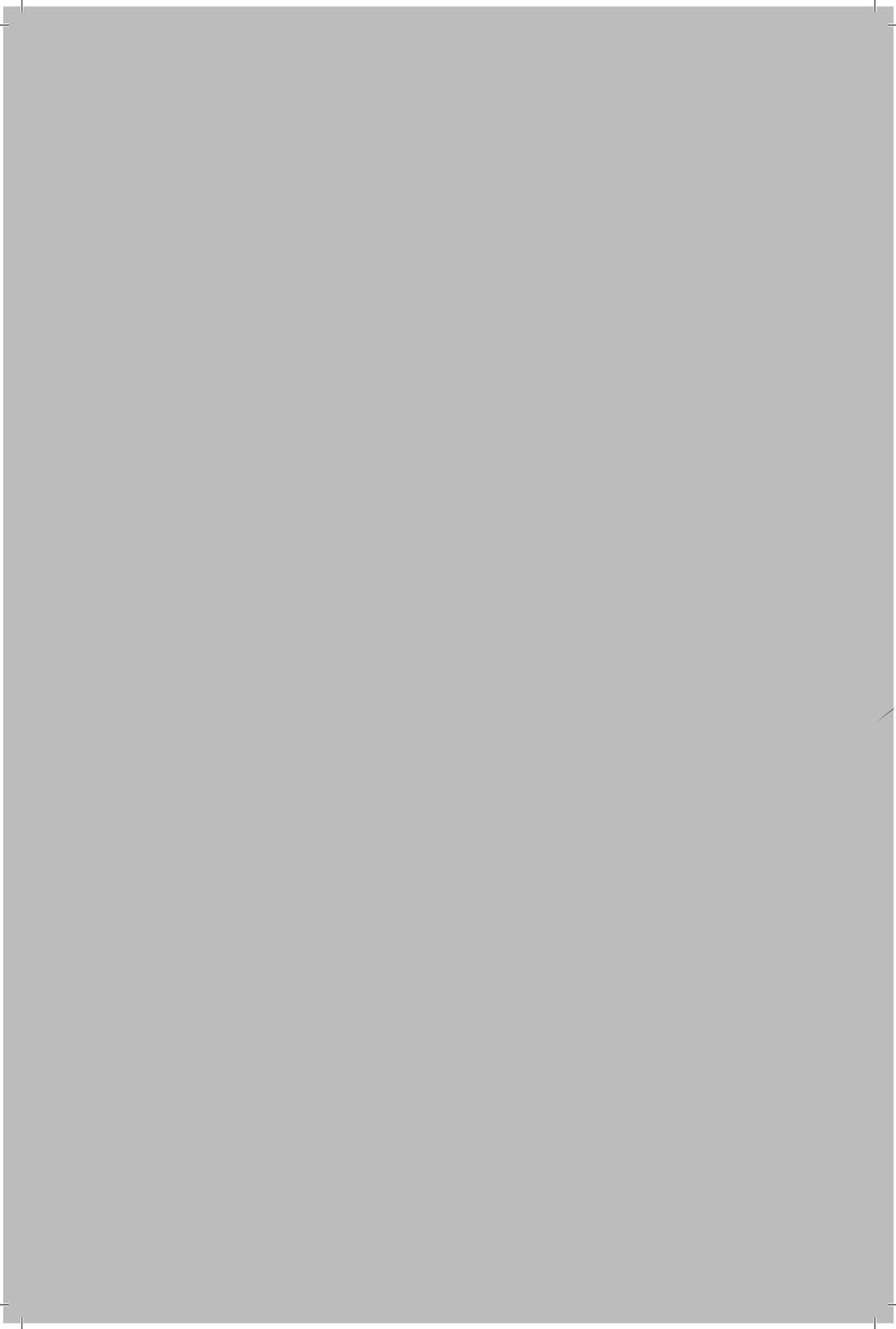
psicanalista Jean Laplanche (Universidade Paris VII). *Os tempos de Freud* propõe uma leitura transdisciplinar entre psicanálise, ciência e filosofia, ressaltando a pluralidade temporal presente na obra freudiana. Não há nela uma única concepção de tempo, mas sim uma multiplicidade de regimes temporais que coexistem, se tensionam e se atravessam.

Dez anos depois, já no início do novo milênio, tornaram-se evidentes os efeitos subjetivos das turbulências experimentadas na década anterior. Expressões como “novas doenças da alma” e “formas contemporâneas de sofrimento” se alastraram no campo psicanalítico diante do aumento de pacientes cada vez mais refratários ao seu dispositivo tradicional — pacientes que formam, hoje, boa parte da nossa clínica. Nesse período, a busca por novas modalidades de intervenção provocou debates sobre a função do analista, suas estratégias clínicas e, como não poderia deixar de ocorrer, suas concepções sobre tempo — o tempo da subjetividade, da sessão, da relação. Foi nesse momento que escrevi a conferência *Winnicott, Bergson, Lacan: tempo e psicanálise*, apresentada em 2005 no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro e publicada um ano depois pela revista *Ágora*, trabalho que integra a segunda parte deste livro.

Mais vinte anos se passaram, e o tema do tempo retorna com força redobrada. Vivemos uma verdadeira crise das temporalidades: aceleração tecnológica, colapso ambiental, avanço de governos autoritários, instabilidades sociais e políticas, fragilidade das promessas de futuro. Tudo isso recoloca a questão do tempo sob novas exigências. Na clínica, observamos o predomínio de modos subjetivos que desprezam os vínculos com o passado e expressam ceticismo diante da possibilidade de imaginar futuros viáveis. Meu interesse se volta, então, para um autor que pensa o tempo como criação a partir da catástrofe: Sándor Ferenczi. Ele propõe um tempo fragmentário e paradoxal, entrelaçando regressões e avanços. Seu pensamento permite enxergar a vertente criativa da experiência traumática, tanto no plano individual quanto coletivo.

Repensar o tempo hoje é uma tarefa urgente para a psicanálise. Foi nesse espírito que nasceu esta compilação, publicada pela Editora Artes & Ecos — e agradeço o incentivo de Lucas Krüger ao projeto. O livro reúne, em três décadas, três tempos distintos da minha escrita e da minha trajetória. Para além de *Os tempos de Freud* (1995), a publicação conta com uma segunda parte composta por dois capítulos. O primeiro, *Winnicott, Bergson, Lacan: tempo e psicanálise* (2005), aprofunda as diferenças entre Winnicott e Lacan em suas concepções temporais: o primeiro privilegia a continuidade e o processo; o segundo, a descontinuidade e o instante. O segundo capítulo, *Com Ferenczi: tempos de catástrofe* (2025), é inédito e dedicado a Ferenczi, cujas propostas paradoxais sobre o tempo refinam nossa sensibilidade clínica em tempos de crise.

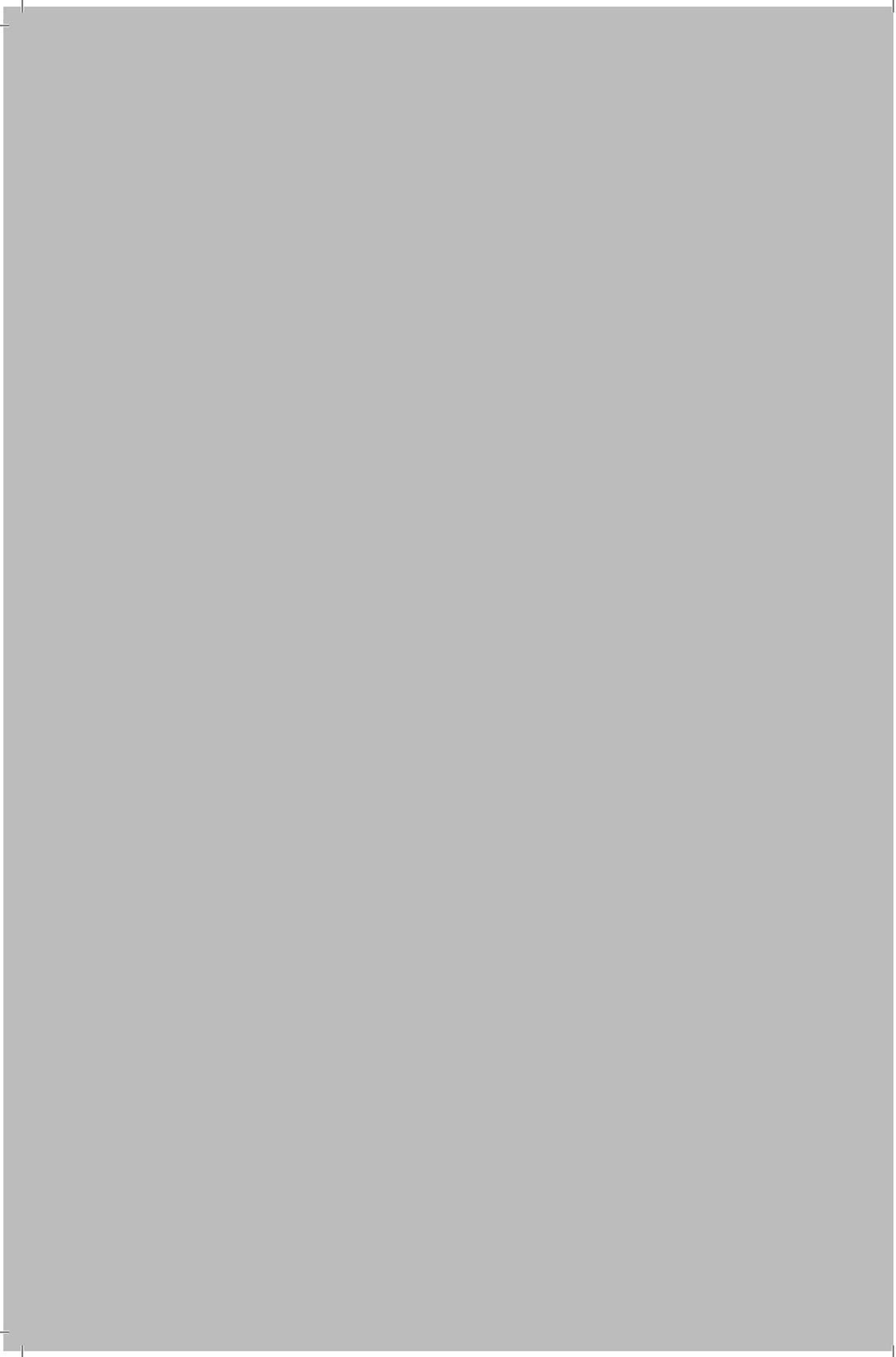
Essa compilação não se limita a reeditar trabalhos anteriores; ela os reinscreve em um novo presente. Um presente em que há uma maior abertura para a pluralidade de vozes, estilos de pensamento e formas de vida — dentro e fora da psicanálise. Talvez seja esse um dos maiores desafios da nossa época: sustentar uma escuta sinestésica do tempo — o tempo subjetivo, o tempo dos seres vivos e das relações, o tempo do mundo. Escutá-lo sem reduzi-lo a um vetor de progresso linear e tampouco a uma repetição estéril. Se há uma marca distintiva da psicanálise entre essas múltiplas temporalidades, quem sabe ela resida nisso: insistir, avançar, retornar, coexistir — exigindo de nós, enquanto analistas, a disposição de transformar também nossas escutas, nossas práticas e nossas teorias.





Parte I

**OS TEMPOS
DE FREUD
(1995)**



INTRODUÇÃO

Todos nós sabemos o que é o tempo — desde que, é claro, ninguém nos faça essa pergunta. O que é um outro modo de dizermos que o tempo é um tema tão mais rebelde às definições e à formulação conceitual quanto mais banal ele nos parece. Mesmo assim — e talvez, justamente por isso —, o tempo sempre desafiou saberes diversos e conheceu, a partir deles, as interpretações mais variadas. Ele tem sido um tema fundamental em toda a história da filosofia, foi uma das noções que constituíram o campo científico, com Galileu, e ocupa hoje o primeiro lugar na estrutura da ciência contemporânea, segundo o que nos diz um de seus grandes expoentes, Ilya Prigogine.

Teria Freud, em sua metapsicologia, trazido novos elementos para esse debate? É esta a questão principal deste livro, questão que será desdobrada em duas outras: haveria em Freud um pensamento próprio a respeito do tempo? A teoria freudiana seria capaz de trazer alguma contribuição de peso sobre o problema do tempo, ou deveríamos reconhecer que nesse ponto o seu pensamento dilui-se entre as respostas fornecidas por outros saberes — como a filosofia, para a qual a tematização do tempo sempre coube, por direito, ou a ciência, para a qual ela hoje cabe, por conquista?

Sem dúvida, o problema de Freud não poderia ser o da natureza do tempo, seja essa natureza concebida em termos físicos ou metafísicos. O tempo só é assunto para a psicanálise quando o sujeito está em questão, ou melhor, quando, atra-

vés do tempo, o sujeito pode ser posto em questão. O que não significa dizermos simplesmente que a teoria freudiana trabalha com um tempo subjetivo. Se assim fosse, apenas uma linha muito fina permitiria separar Freud de um pensador como Edmund Husserl, o criador da fenomenologia, transformada na grande redescoberta da filosofia francesa neste final de século.

Entretanto, a noção de *tempo vivido*, tão cara aos fenomenólogos, não faz parte do leque de preocupações freudianas. A discussão de como se sente ou experiencia o tempo que passa, a ideia de um sujeito que possui uma consciência do tempo, são problemas que não dizem respeito à abordagem psicanalítica. Aqui a relevância é dada à *função* do tempo na produção do sujeito, o que é algo bem diverso: ao invés de um sujeito dado que poderia perceber o tempo desta ou daquela forma, teremos um sujeito que só se constitui a partir de certos modos de articular o antes e o depois, isto é, a partir de algumas modalidades de organização temporal.

Não é por acaso que falamos em *certos modos*, em *modalidades*, no plural: ao tratarmos de desentranhar do texto freudiano uma concepção própria a respeito do tempo, deparamo-nos não com uma apenas, mas com várias delas, às vezes bastante heterogêneas. Ao examinar como funcionam temporalmente a consciência, o inconsciente, as pulsões sexuais e as pulsões de morte, encontramos modos de encadear — ou de desencadear — o antes e o depois absolutamente diversos, disparatados, mantendo-se em descontinuidade uns com os outros, diversidade essa impossível de ser apaziguada numa síntese funcional ou de ser englobada numa única concepção. Tamanha disjunção fez com que o tema do tempo em Freud nos surgisse como um quebra-cabeça cujas peças nunca chegam a se acoplar inteiramente — o que, diga-se de passagem, é próprio de um pensador capaz de aliar um extremo rigor a uma recusa ética e vigorosa em fazer de sua teoria um *sistema*.

Contudo, esta originalidade freudiana, se por ela entendemos o repúdio a construir um *sistema* de pensamento, não é

suficiente para afirmarmos uma originalidade em suas concepções de tempo. Para tanto, não basta que Freud nos apresente temporalidades heterogêneas; seria preciso que suas concepções fossem singulares com relação àquelas difundidas pela filosofia e pela ciência — incluindo-se aqui as da ciência contemporânea, que trabalha com a ideia de uma multiplicidade de tempos.

Voltamos então às questões que guiam este trabalho. Apresentar o quebra-cabeça que é o tema do tempo na obra de Freud nos conduziu a inserir as suas diversas peças num panorama mais amplo de pensamento, a partir do qual a especificidade freudiana poderá ser avaliada em perspectiva. Nosso intuito não é exatamente o de desenvolver as semelhanças e diferenças de Freud com relação a outros autores, mas o de examinar os pontos de ruptura de sua teoria com os demais saberes, sob a ótica do tempo.

Podem haver outros modos de se colocar este tema na teoria analítica, e não temos a pretensão de abarcá-los com nossa hipótese de trabalho. Se a psicanálise não admite um ponto de acabamento, tampouco o permite o assunto que investigamos: o tempo, como nos diz Gilles Deleuze, é a própria fonte dos problemas, e a marca de sua permanência acima de qualquer resposta. Dessa fonte extraímos um certo número de questões e propomos alguns desenvolvimentos.

J. G.



CAPÍTULO 1 – A PROPÓSITO DO TEMPO

Nada nos parece mais óbvio, à primeira vista, do que o tempo. E nada nos parece mais simples de ser pensado: se temos a nossa vida cotidiana estabelecida sobre as bases do tempo, se ele é um dos elementos fundamentais que marcam nossa relação com a natureza, o nascimento e a morte, se é ele um dos termos que regem necessariamente qualquer tipo de contrato entre os homens, não fazemos mais do que nos ocupar dele. Sabemos perfeitamente, em nosso senso comum, o que significa dizer três horas da tarde, daqui a um ano, ontem, hoje ou amanhã, e se o senso comum não nos é suficiente, encontramos em campos de saber mais rigorosos a possibilidade de fazer do tempo um objeto de pensamento. As ciências nos oferecem operações matemáticas exatas para relacionar o tempo aos fenômenos naturais; deparamo-nos na história da filosofia com diversos sistemas que se propõem a problematizar esse tema. Tudo isso não nos bastaria para mostrar que somos capazes de pensar o tempo, nos campos mais diversos?

A ESPACIALIZAÇÃO DO SENSO COMUM

Detenhamo-nos um pouco em cada uma dessas formas de pensamento: primeiramente, o senso comum. É realmente do tempo que falamos quando utilizamos, em nossa lingua-



Parte II

**WINNICOTT,
BERGSON, LACAN:
TEMPO E PSICANÁLISE
(2005)**

WINNICOTT, BERGSON, LACAN: TEMPO E PSICANÁLISE¹

Começo com uma questão oriunda da clínica. Uma paciente em tratamento há alguns anos me diz, em certo momento da análise, estar descobrindo duas coisas que até então havia tomado por simples e óbvias. A primeira é que tudo passa; a outra é que os homens são diferentes das mulheres. É uma afirmação interessante, e me fez pensar para além do caso particular desta moça. As duas descobertas falam do reconhecimento de uma diferença: temos, de um lado, a diferença trazida pelo tempo — o tempo que faz tudo se transformar, tudo passar; e, de outro, a diferença sexual — os homens são diferentes das mulheres. Eu me perguntava então se essas duas descobertas não seriam uma só, a descoberta da diferença, realizada a partir de duas vertentes. Mas me indagava também se uma das duas descobertas não seria mais básica do que a outra, ou, em outros termos, se uma delas não seria apenas a derivação de uma diferença fundamental.

Há uma corrente da psicanálise que defende a dominância da diferença sexual sobre as demais: essa moça só poderia

¹ Este artigo é um desenvolvimento da palestra “Tempo e psicanálise”, apresentada no Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro em 2/4/2005. Agradeço as contribuições de Edson Lannes e Neyza Prochet sobre a noção de tempo em Winnicott.

COM FERENCZI: TEMPO DE CATÁSTROFES

Katasztrófak foi o título em húngaro do trabalho mais famoso de Ferenczi: “Thalassa”. É também o termo que, segundo Maria Torok, sintetiza toda a sua obra: “Se alguém me pedisse para resumir em uma única palavra o conjunto da temática ferencziana seria essa — catástrofe — e seus sinônimos: traumas, acidentes, afecções, pathos. E se fosse nomear a pedra angular sobre a qual volteiam as querelas psicanalíticas, seria ainda a mesma palavra — catástrofe” (Torok, 2000, p. 37).

Tendo morrido em 1933, Ferenczi não poderia imaginar o quanto essa noção se tornaria importante no século seguinte, diante das mudanças climáticas, das guerras, do colapso ecológico, do controle digital e da precarização subjetiva. Sem saber, ele antecipou a noção que melhor expressa o *zeitgeist*, o espírito do tempo em que vivemos. Não poucos livros têm sido escritos a esse respeito, e alguns bastante relevantes: “No tempo das catástrofes” (Stengers, 2015), “Por um catastrofismo esclarecido” (Dupuy, 2002), “O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade da vida nas ruínas do capitalismo” (Tsing, 2022), para citar apenas alguns. Vivemos, de fato, na era das catástrofes. Todos nós seríamos seus sobreviventes, seus causadores e suas vítimas.